O TRÁFICO DE POLACAS EM *EL INFIERNO PROMETIDO*, DE ELSA DRUCAROFF¹

THE TRAFFIC OF POLISH GIRLS IN *EL INFIERNO PROMETIDO*, BY ELSA DRUCAROFF

Karine Rocha²

Resumo: Publicado em 2006, *El Infierno Prometido*, da escritora argentina Elsa Drucaroff tem como fonte de inspiração o tráfico de judias do leste europeu entre fins do século XIX e início do XX. Tema tabu durante muitas décadas, hoje é revisitado por escritores e historiadores, mas tendo como foco a versão não oficial dos fatos. Para este artigo, centraremos nossa análise nas ferramentas do novo romance histórico utilizado pela autora para a composição do personagem fictício Dina. Através das memórias de Sara, será possível observar o cotidiano das meninas traficadas e a recepção do problema pela comunidade judaica argentina. Nosso arcabouço teórico conta com nomes como os de Cristina Pons, Fernando Ainsa e Donna Guy.

Palavras-chave: Novo romance histórico. Literatura argentina. Estudos judaicos. Gênero.

Abstract: First published in 2006, *El Infierno Prometido*, by the argentinian writer Elsa Drucaroff was inspired in the traffic of jewish girls from East Europe between the end of 19th century and the first decades of the 20th century. During a long time it was a taboo subject, but nowadays it has been revised by historians and writers who are concerned about the non oficial version of History. For this papper, we will be focussed on the new historian novel aspects used but the autor to build the character Dina. Her memories contributes to observe the life of the trafficked girls and how the community receive this problem. As reference we have Cristina Pons, Fernando Ainsa and Donna Guy.

Keywords: New historical novel. Argentinian literature. Judaic studies. Gender.

¹ Artigo recebido em 15 de fevereiro de 2021 e aceito em 04 de abril de 2021.

² Professora do Departamento de Letras/Espanhol e do PPG Letras da UFPE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1448-5753>. E-mail: karine.oliveira@ufpe.br.

O cemitério de Avellaneda, assim como o de Inhaúma, guarda entre seus portões fechados, algumas centenas de lápides. Lápides cujos nomes e fotografias foram destruídos. Lápides que somem entre o mato que cresce com o tempo. Estes cemitérios guardam e tentam apagar silenciosamente a vida de mulheres consideradas impuras pelo judaísmo. O romance que aqui nos propomos analisar é construído a partir deste silêncio. Do silêncio das lápides do cemitério acima citado, do que existe por trás dos números de documentos médicos e da máfia, do silêncio da história oficial.

El infierno prometido, da escritora judia-argentina Elsa Drucaroff, publicado em 2006, narra a história de Dina e outras mulheres traficadas pela Zwi Migdal. Dina é uma adolescente do shtetel de Kazrilev. Assim como em qualquer outro shtetel, a vida dos judeus aí era marcada pela pobreza e pelo medo dos pogroms, que nunca tinha previsão para acontecer. Nestes pequenos povoados, a modernização do judaísmo não tinha chegado. A vida seguia, portanto, o ritmo da ortodoxia que traça como destino para as mulheres o casamento e a maternidade. Dina era um espírito diferente. Seu pai fez todo o possível para que ela pudesse ir à escola, contrariando a mãe que dizia que, deste jeito, Dina acabaria em Buenos Aires. Em uma tarde qualquer, Dina decide ir ler e escrever perto do rio. Lá encontra um colega da escola, que a estupra. Não seria surpresa dizer que o rapaz, um polaco católico antissemita, coloca a culpa do estupro em Dina porque ela sorriu. Todo o vilarejo culpa Dina pelo estupro porque ela havia saído para passear e frequentava a escola. A jovem estava perdida. Nenhum judeu da vila se casaria com ela. Vive escondida em casa até que uma casamenteira lhe arruma um marido rico, empresário em Buenos Aires. A família aceita o arranjo. Dina, em Buenos Aires, é feita escrava e assim vive até fugir para os Estados Unidos com um dos seus clientes. A ficção dá para a protagonista um destino diferente ao de todas as mulheres esquecidas no cemitério de Avellaneda. Este destino é guardado para as demais personagens do romance.

Diego Niemetz (2019) situa o romance de Drucaroff dentro do cânone de escritores judeus argentinos de origem secular. É comum a este grupo ficcionalizar sobre temas problemáticos para a coletividade, seja eles matrimônios mistos, tensões entre as diversas correntes étnicas e ideológicas, questões de identidades, antissemitismo até temas escandalosos, como é o caso da Zwi Migdal. De acordo com o pesquisador da CONICET, a Argentina é um país que apresenta uma trajetória literária que pode ser denominada judaica, e ao mesmo tempo tem uma que é classificada de antissemita.

En relación a esta última, debemos agregar que sería necesario distinguir una serie de particularidades respecto al origen y a las características de la judeofobia esgrimida en cada caso. Esta aclaración se

enmarca en el hecho factual de que el fenómeno del antisemitismo en la Argentina es, a pesar de todo, bastante reciente si lo comparamos con los antisemitismos europeos y, fundamentalmente, que se trata de una adaptación de esas ideologías a la coyuntura local. En la Argentina convivieron, a medida que se fueron incorporando inmigrantes judíos de procedencias diversas, formas diferentes de judaísmo (el de la iluminación, el diaspórico de la cultura idish y el sefaradí) que venían, a su vez, antecedidas por formas diferentes de antisemitismo: aunque suene paradójico, dichas formas de antisemitismo se habían aclimatado al territorio sudamericano antes de que llegaran en números considerables sus destinatarios reales (NIEMETZ, 2019, p. 151, 152).

Dentro da comunidade judaica argentina existia e existe uma preocupação clara com o antissemitismo e o movimento de combatê-lo. Em um território argentino que conta em sua trajetória com um atentado contra a embaixada de Israel e outra a sede da AMIA, abundam estereótipos que tornam a múltipla identidade judaica em um grande bloco homogêneo que, obviamente, nem sempre condiz com a realidade. Dentro da literatura, isto irá se refletir da seguinte forma

El canon temático de los escritores judíos argentinos de origen secular, que es identificable por la sociedad no judía, habitualmente gira en torno a las problemáticas vinculadas con la colectividad (qué es un judío y, en segunda medida, cómo ser judío en la Argentina), en un ambiente que a veces se revela violentamente hostil y judeófoba (...) y con los dilemas propios de la integración (como el matrimonio mixto o las alianzas ideológicas por sobre las étnicas). En otras palabras, es posible trazar un eje literario de la identidad judeo-argentina, que no solamente aborda sus temas, valores y problemáticas tradicionalmente aceptadas como propias, sino que lo hace (en toda la diversidad de sus formas) de una manera también múltiple y problemática (NIEMETZ, 2019, p. 155).

Muitos destes escritores, às vezes, se propõem a exorcizar demônios. Tal empreitada não é fácil por despertar memórias que, quase sempre, se fingem adormecidas. O romance objeto de análise acorda o tema das polacas. Assim eram conhecidas as jovens compradas em comunidades ortodoxas do leste europeu entre fins do século XIX e início do século XX. Por sua origem judaica, estas jovens eram destinadas ao baixo meretrício. Esta problemática acabou por gerar ataques antissemitas, pois a sociedade argentina da época, para se eximir das consequências da prostituição e do tráfico de mulheres, culpabilizou a comunidade judaica. Esta acusada de única responsável por todo o esquema de prostituição do país, acabou por silenciar e voltar às costas para as judias prostituídas, como forma de sobrevivência. Hoje, na literatura, exorcizar os nossos demônios sociais é possível graças ao novo romance histórico.

Sabemos que as condições históricas, econômicas e sociais da América Latina a transformaram em um terreno fértil para o novo romance histórico, ou romance histórico contemporâneo. A crise econômica da década de 1980, o regime autoritário que dominou a década de 1970, movimentos sociais de resistência como o feminista irão contribuir para a criação, dentro do universo literário, de uma nova forma de se fazer romances de cunho histórico. De acordo com Pons (1999), tal fato se dá porque o discurso histórico clássico estava enraizado na sociedade desde o século XIX, quando se deu a construção de um projeto de nação pautado no liberalismo. Desde aí, a América Latina viveria insone dentro de uma perspectiva maniqueísta e mistificadora, cultuando os heróis da nação. Era preciso despertar a consciência dos leitores, assumindo o caráter revisionista que a História vinha pregando. Os romances de cunho histórico deveriam se prestar a revelar segredos nunca ditos, deixando claro que uma única versão dos fatos não é possível.

La reconstrucción del pasado, que si embargo se representa (...) se trata más bien, de presentar – mediante evidentes tergiversaciones, anacronismos, magnificaciones y fantasías, así como referencias intertextuales (...) – ciertas instancias sociales o problemas que, como constantes que atraviesan los siglos, se reiteran en diversos tiempos y situaciones: el poder y la identidad, la expansión imperialista, el autoritarismo, la dominación de los cuerpos, la ansiedad, como una suerte de expresión filosófica de la historia (PONS, 1999, p. 150).

Para tal empreitada reconstrucionista, Fernando Aínsa (1993) aponta alguns caminhos comuns percorridos pelos escritores do novo romance histórico. O primeiro delas é a questão da intenção histórica e literária. No discurso histórico existe uma vontade de objetividade, criando uma intenção de autoexigência científica pautada numa convenção de veracidade. Mas sabemos que o historiador elabora o seu discurso não apenas com uma seleção de dados, mas também com uma orientação pessoal. Desta forma, é possível afirmar que o discurso histórico atual se constrói com o indeterminismo da multiplicidade de variáveis para um mesmo acontecimento. Já o escritor de ficções, por sua vez, está comprometido com a convenção da ficcionalidade, lhe dando uma maior liberdade. Aínsa (1993) nos alerta para o fato de que o escritor deve estar comprometido com a verossimilhança, isto irá fechar o diálogo na autorreferencialidade, apoiada nas sugestões da intertextualidade literária, histórica, política e jornalística. Isto irá gerar algumas estratégias de persuasão que dependerão da intenção do autor; introspectiva e intimista ou testemunhal e realista. Em *El Infierno Prometido*, Elsa Drucaroff opta por uma intenção realista e testemunhal, já que a protagonista se propõe a reconstruir o ambiente histórico a partir do ponto de vista das mulheres que viviam nos bordéis.

Testimonio que debe reflejar, por otra parte, una conciencia aguda de la temporalidad y de su transcurso, un reflejo y una comprensión no sólo de la época que se describe, sino de la forma en que ese período influye y determina el “presente” en que están situados el autor (tiempo de la escritura) y los destinatarios de la novela (tiempo de la lectura). Intimista o realista, los creadores de ficciones históricas dan prioridad a los hechos individuales, ya que por muy social que se pretenda una novela, el destino y la voluntad individual siguen siendo la materia indiscutida de la narración literaria (AÍNSA, 1993, p. 18).

O romance começa como um relato em diário, no qual a protagonista, em sua velhice decide revisitar as experiências de sua juventude, refletindo sobre como as diversas correntes de sua crença atuaram diante do tráfico de judias e como tudo caiu no esquecimento. *El infierno prometido* ao dar voz às mulheres que, nos dias atuais, se encontram silenciadas no cemitério de Avellaneda, reivindica um revisionismo de postura da comunidade judaica que, em sua maioria, enxerga o tema como tabu, ainda hoje.

O diálogo com a História se dá através dos usos de fontes documentais para a reconstrução ficcional da realidade. Aínsa (1993) defende que o texto histórico não é mais entendido como uma realidade, mas como um material para a reconstrução desta.

La verdad es un efecto de sentido que se contruye en el interior del texto. Por esta razón, el análisis semántico de un documento debe preceder siempre a su extrapolación como “reconstrucción” histórica. Un estudio de este tipo abre la posibilidad de que el autor de ficciones utilice esa misma fuente documental para dotarla de otro sentido. Su vocación de “archivero” le permite la manipulación del texto como forma literaria. Roberto González Echeverría llega a caracterizar buena parte de la narrativa latinoamericana contemporánea a partir de esta noción de documento literario de origen “legal”, de “archivo” histórico releído y reescrito con intención ficcional (AÍNSA, 1993, p. 22).

No romance que nos propomos a analisar, Elsa Drucaroff abre cada capítulo com epígrafes, muitas delas tiradas de jornais da época e documentos oficiais que tratavam do tema abordado. O diálogo com estes materiais históricos cria uma narrativa que pretende afirmar que as comunidades ortodoxas do leste europeu sabiam que suas filhas estavam sendo vendidas para cafetões, que as comunidades reformistas e judeus seculares ajudaram as traficadas a fugirem e que por fim todos se calaram diante da situação por medo do antissemitismo que avançava, mais uma vez, no mundo. As manipulações do governo argentino também são expostas. Este, ao legalizar a prostituição no país, afirmava que dava amparo às prostituídas, através, principalmente, de atendimento médico. Este, por sua vez, era apenas uma encenação de cuidados. Na prática as mulheres não eram tratadas e morriam vitimadas por DST.

Uma outra ferramenta utilizada pelos escritores para revisar a versão oficial da História é a polifonia. Este recurso abre espaço para que sujeitos historicamente marginalizados possam contar a sua experiência. Estes discursos marginalizados irão conviver com o discurso de sujeitos detentores do poder de criar a versão oficial dos fatos. *El infierno prometido* é criado com o discurso de mulheres que fazem o universo dos bordéis, de anarquistas, judeus ortodoxos, judeus reformistas, judeus seculares e setores conservadores. Estes últimos são ficcionalizados através do juiz Leandro Tolosa. O citado personagem é representante dos setores que lutam contra a prostituição no país, defendem a bandeira da família e da fé cristã como baluartes de uma sociedade perfeita, mas frequenta o baixo meretrício, espaço onde pode exercitar seus gostos sádicos. Na narrativa, Tolosa irá se converter no principal cliente de Dina. Nas suas horas de visita, o personagem tortura a protagonista com tamanha brutalidade que esta costuma desmaiar e ficar sem condições de trabalhar por dias. O bordel aceita a presença do juiz porque este paga bem e, no final das contas, o lucro é a única coisa que importa. Já os anarquistas são ficcionalizados através da figura dos jovens imigrantes que chegam a Buenos Aires atrás de condições econômicas melhores que na Europa de então. A grande massa de imigrantes homens e a ausência de mulheres empurravam aqueles para os bordéis. A memória de Dina revela que estes a tratavam com igualdade, graças a suas crenças políticas. Um deles se apaixonará pela protagonista, fugirá com ela para os Estados Unidos, onde se casam e constroem uma vida tranquila.

Através do que já foi exposto, fica claro que o novo romance histórico dá protagonismo a sujeitos marginalizados, como indígenas, africanos, mulheres e homossexuais, por exemplo. *El infierno prometido*, como veremos mais adiante, é uma obra de cunho feminista. Estas, ao estarem centradas no ritmo cotidiano das mulheres, subvertem as relações de gênero dando outros matizes para o que se considera verdade histórica, abalando as aparentes sólidas estruturas da história oficial.

Em *El infierno prometido*, para além de expor um tema ainda tabu para a coletividade, Elsa Drucaroff desmistifica a versão paternalista da prostituição. A história oficial nos diz que a máfia judaica atuava no seguinte esquema: seus membros iam para a Europa Oriental procurar nas vilas meninas pobres para casar, com a promessa de uma vida materialmente digna em terras estrangeiras. Assim, milhares de adolescentes chegavam enganadas em cidades como Buenos Aires, Montevideo, São Paulo e Rio de Janeiro. Ao desembarcar, descobriam que seu marido era cafetão e deveriam trabalhar para eles. Sem ter como escapar, levavam uma vida cuja rotina se resumia a atender até 50 clientes por dia, descansando apenas no Shabat, até serem consumidas pela sífilis.

De acordo com Elsa Drucaroff manter este mito da enganada atende a um universo que não aceita a ideia de que é preferível se prostituir a viver dignamente uma vida de fome e outras privações. A autora afirma que pensou suas personagens desconstruindo o mito da enganada, graças ao trabalho da historiadora Donna Guy, *El sexo peligroso, una historia de la prostitución en la Argentina*. De acordo com as pesquisas de Donna Guy seria impossível que em 1920 os judeus das aldeias pobres não tivessem a certeza de que uma viagem a Buenos Aires, nos moldes como aconteceu com Dina, não significava um caminho para a prostituição. A narrativa coloca em dúvida a ingenuidade da família da protagonista diante do arranjo matrimonial quando o pai pensa:

¿Cómo no pensar en lo peor cuando se habla de Buenos Aires?
¿Pero eso era justo, acaso? No sólo pecado y mala vida había en Buenos Aires. Dos sobrinos de Motl, el carpintero, habían ido allá y trabajaban como ayudantes en una sastería. Escribían siempre a Motl: no se pasaba hambre, eso ya era muchísimo, y encima se ganaba bien; y se podía vivir, se podía ir sin temor a la sinagoga, festejar Iom Kipur sin miedo a que hubiera un pogrom, las escuelas recibían a todos sin pedir dinero a cambio, los judíos eran libres hasta de ir a la universidad. También esto era Buenos Aires! (p. 31).

Isto também era Buenos Aires, mas dependendo da forma como alguém chegava até lá. Sabemos que em 1876, o governo argentino promulgou a Ley de Inmigración y Colonización com o objetivo de incentivar a imigração massiva. Esta lei garantia que pessoas de países ou de identidades pouco apreciadas pudessem entrar na Argentina e construir suas vidas com alguma dignidade. Esta era a promessa, nem sempre cumprida. O fato é que neste período imigrantes russos, asiáticos e judeus de diversas partes da Europa e África do Norte lotaram navios em direção a cidade que era considerada o celeiro do mundo. No caso dos judeus, além da promessa de uma vida econômica melhor, lhes era garantido a liberdade de culto. Neste momento, o governo argentino tinha como única preocupação conseguir o maior número possível de mão-de-obra barata. Esta era a Argentina dos sobrinhos de Motl, mas não era a das meninas pobres prometidas em casamento para possíveis judeus ricos. E isto já era fato conhecido por, nos arriscamos a dizer, todos.

Donna Guy (1994) relata que a má reputação de Buenos Aires era conhecida desde a década de 1860. Os jornais locais começam a se preocupar com o tema da prostituição involuntária. A notícia chega até a Europa, onde se aconselham às mulheres a não imigrarem sozinhas. Entre os judeus da Europa ocidental, já se sabia que a primeira rede de tráfico de mulheres judias funcionava desde 1889, com o *Club de los 40*. Em Londres os judeus reformistas criaram a *Asociación judía para a protección de jovens e mujeres*, tendo Buenos Aires como seu

objetivo principal. Em 1901, os rabinos do judaísmo reformista enviaram uma carta aos rabinos da Europa Oriental alertando para o perigo que corriam jovens judias de aldeias pobres com a promessa de casamento financeiramente promissor em países como Argentina e Brasil. As jovens fatalmente caíam na prostituição. A narrativa de Elsa Drucaroff coloca em questão se haviam inocentes nestas aldeias na década de 1920.

Aparentemente o pai de Dina estaria em dúvida se manteria a filha tornada impura ou se livraria deste problema a liberando para viver em Buenos Aires. Tal dúvida é levantada em várias passagens do romance através de diálogos com outra jovem prostituída, Rosa. Esta sabia que o tio não fora enganado. Sabia que o casamento com procuração a condenava a uma vida no prostíbulo. Rosa, em vários momentos, afirma que Dina era tola ao enviar dinheiro para a família, trazendo à tona a dupla moral daqueles que renegam suas filhas, mas aceitam o dinheiro que recebem graças a prostituição.

Então, a protagonista do romance chega a Buenos Aires, se encanta pelo pouco que vê de uma cidade que é promessa de progresso. Mas a sua vida acontece presa em um bordel de Boedo, onde deve receber clientes imigrantes pobres. As novidades de Buenos Aires ganham Dina. Água que sai pela torneira, carne no almoço e jantar, geladeira, fogão a gás, dinheiro para comprar joias. Prostituir-se não é tão mal e ela até tem planos, queria crescer na sua profissão:

Miró a Brania com admiración y encontro um objetivo para su vida, um objetivo luminoso: quería llegar a ser regenta. Quería y era capaz de lograrlo. Iba a ser la mejor prostituta, iba a aprender a trabajar como la mejor y un día iba a tener una suite como Brania, a caminar con desenvuelta soltura por un palacio de bellezas como el que el día anterior había recorrido. Regenta de la Mutual, ésa sería su carrera (DRUCAROFF, 2006, p. 72,73).

A prostituição em Buenos Aires como objetivo de vida não foi exclusividade da protagonista. O romance também nos apresenta Sara, jovem da Varsóvia que perdeu o marido em um pogrom. Como a polícia nega à Sara o atestado de óbito do marido, esta passa a condição de *agunah*. *Agunah* seria algo como aprisionada, impossibilitada e é a condição que se dá às mulheres cujo marido desapareceu sem deixar testemunhas se morreu ou não. Este tema será revisitado depois da Shoah. A condição de *agunah* impediu Sarah de casar-se novamente:

Se transformó en una paria. En su barrio la señalaban con el dedo, no encontraba trabajo. No murió de hambre porque los muchachos de la autodefensa hicieron colectas, uno incluso le propuso que se casara con é cuando pasara el duelo que la religión estipulaba. Era un buen hombre, entendió Sara conmovida, lo movía el deseo de proteger a la mujer que su compañero había amado. Ésa

parecía la solución y la aceptó, pero si las viudas o separadas podían volver a casarse, ella no era ninguna de las dos cosas. Un nuevo y desesperado deambular por oficinas de Varsovia la convenció de que la ley polaca nunca iba a dar un certificado de defunción de Duved. Una conversación en la sinagoga la convenció de que la ley judía tampoco iba a protegerla: si no era viuda, no podía casar, le había dicho el rabino. ¿Cómo podían arriesgarse a que su marido volviera y no encontrara lo suyo? ¿Pretendía ser bígama? (DRUCAROFF, 2006, p. 81, 82).

Analfabeta e judia, não conseguia emprego algum e a rigidez das leis de seu bairro ortodoxo não a ajudavam a retomar dignamente a vida. A solução encontrada por Sara foi prostituir-se. A solidariedade para que não passasse fome veio das ruas da Varsóvia. Uma noite, perambulando com fome, conheceu Zelde:

Zede la escuchó con el ceño fruncido, pero era una persona solidaria. Le presentó a su rufián, la ayudó a alquilar una habitación bajo la vereda de la calle Krochmalna, casi idéntica a la que ella ocupaba, y le enseñó los trucos del oficio. Con lo que sacaba Sara podía alimentarse, vestirse y pagar el alquiler del sótano húmedo con ventana, desde donde se veían los pies de los hombres que buscaban mujeres, Sacaba bastante más dinero que cuando era mucama y no la trataban peor, incluso, a veces, la trataban mejor. No volvió más a su barrio (DRUCAROFF, 2006, p. 82).

Sara admitia que tinha o que comer, mas a vida era triste por conta da solidão que tomava os seus dias. Decide então entrar em contato com sua tia Ruscha, que vivia em Buenos Aires. Esta tia dizia que era casada com um empresário rico e ajudaria a sobrinha. Por ainda ser considerada casada, Sara só consegue deixar a Polônia com a ajuda de um amigo da sua tia, Hersh Grosfeld. Ao conhecê-lo, Sara logo percebeu que seu destino em Buenos Aires era a prostituição, mas como a tia estava rica, talvez fosse melhor cruzar o oceano e viver em condições melhores. No navio que a levava para uma nova vida, Sara conhece Rosa.

Rosa viajava na condição de casada por procuração. Hersh Grosfeld era o procurador de seu marido, empresário bastante ocupado que não podia viajar para encontrar uma esposa judia que seguia uma vida ortodoxa. Rosa era órfã e vivia com o tio. A sua condição de mulher representava apenas uma despesa a mais numa família que já padecia pela fome. O tio sabia que a estava vendendo para a Zwi Migdal e isto não importava. Embora tenha resistido em um primeiro momento, Rosa acaba por se resignar ao seu destino num bordel portenho. Afinal, fugir para onde?

Donna Guy (1994) alerta que embora algumas associações judaicas acreditassem que estas mulheres deveriam ser resgatadas e repatriadas, feministas como Bertha Papeinheim questionavam: repatriar para onde? De acordo com

Pappeinheim, a judia repatriada não contaria com nenhuma ajuda consular ou filantrópica. Acrescentamos também que estas mulheres não receberiam ajuda nem da própria família. Voltando ao solo europeu estariam igualmente vulneráveis. Como diz uma famosa canção idish: “para onde ir quando todas as portas se encontram fechadas?”. Rosa, como a imensa maioria, permanece trancada no bordel do bairro de Boedo até ser consumida pela sífilis.

Dina, no entanto, consegue abrir uma janela e fugir com um cliente italiano e anarquista, que a ensina a abrir o cadeado. Dina tem o mesmo destino que poucas mulheres que conseguiram fugir da Mutual. Por esta época já não conseguira contar com a ajuda da *Associação de Proteção às mulheres*, pois esta já havia perdido força. A máfia judaica estava entranhada em todos os níveis de poder da Argentina e era bastante forte. Conta com a ajuda de anarquistas e de “maus judeus”, aqueles que aparecem na sinagoga apenas em Yom Kippur, quando muito. Dina e Vittorio fogem para o sul argentino, atravessam o deserto enquanto são perseguidos pelo juiz Tolosa, personagem que encarna os membros da Liga Patriótica. Ao conseguir atravessar o deserto, os personagens parecem expurgar todas as amarras que a vida lhes impunha. Chegam aos Estados Unidos e tem uma vida tranquila. Dina foi rechaçada por todos os judeus observantes de sua aldeia, mas realiza a mitsvá de construir uma família com um não-judeu.

Enquanto Dina construía sua vida na Califórnia, a Europa é sacudida pela segunda guerra mundial. O antissemitismo cresce no mundo e em Buenos Aires, onde em 1919 já havia tido um pogrom no bairro de Once. A problemática da prostituição é tida como de responsabilidade dos judeus, encarados como um mal social. A coletividade rechaça totalmente as prostitutas. O tema passa a ser tabu por medo de perseguição. Algumas mulheres que não fugiram, que sobreviveram ao árduo trabalho da prostituição se organizaram e criaram uma comunidade própria, que jamais foi aceita pela comunidade oficial. Com o dinheiro da prostituição construíram uma sinagoga para poder viver sua religiosidade, construíram um cemitério para serem enterradas de acordo com o preceito judaico. A Mutual é desfeita graças a denúncia de Raquel Liberman. A prostituição deixa de ser uma atividade legal. E assim, com o passar dos anos a vida dessas judias foi sendo silenciada graças ao medo e preconceito. Nos últimos anos documentários, filmes e romances surgem com o objetivo de resgatar estas vidas, embora ainda encontre resistência entre a maioria.

Referências

AÍNSA, Fernando. La invención literaria y la reconstrucción histórica. In: http://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1993_num_12_1_114 Acessado em: 04/04/2021.

AÍNSA, Fernando. Reescribir el pasado. Historia y ficción en América Latina. In: <https://pt.scribd.com/document/392150406/Ainsa-Fernando-Reescribir-El-Pasado-Historia-y-Ficcion-en-America-Latina> Acessado em: 04/04/2021.

DRUCAROFF, Elsa. **El infierno prometido. Una prostituta de la Zwi Migdal**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2006.

GUY, Donna Jay. **El sexo peligroso: la prostitución legal en Buenos Aires, 1895 – 1955**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1994.

NIEMETZ, Diego E. Ficciones sobre la apertura y la endogamia: matrimonio, estereotipo e identidad en dos novelas judeo-argentinas contemporáneas. **Revista del Centro de Letras Hispanoamericanas**. Mar del Plata. Universidad de Mar del Plata. n° 38. p. 150 – 166. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/celehis/article/view/3888> Acessado em 13/03/2021.

PONS, Cristina. La novela histórica de fin del siglo XX: de inflexión literaria y gesto histórico, a retórica de consumo. **Perfiles latinoamericanos: revista de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales**. Ciudad de Mexico: Sede México. n°15, p. 139-169. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2212309> Acessado em 04/04/2021.